

Johann Wolfgang von Goethe

Os anos de aprendizado
de Wilhelm Meister

Tradução de Nicolino Simone Neto
Apresentação de Marcus Vinicius Mazzari
Posfácio de Georg Lukács

editora ■ 34

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 2006

Tradução © Nicolino Simone Neto, 1994/2006

Apresentação © Marcus Vinicius Mazzari, 2006

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Em sua primeira edição, publicada pela editora Ensaio (São Paulo, 1994), a tradução desta obra contou com o apoio do instituto Inter Naciones.

Edição conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original:

Wilhelm Meister Lehrjahre

Imagem da capa:

Johann Heinrich Wilhelm Tischbein (1751-1829),

Goethe à janela de sua casa em Roma, 1787,

aquarela, bico de pena e grafite s/ papel, Frankfurter Goethe-Museum

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:

Fabrizio Corsaletti

1ª Edição - 2006, 2ª Edição - 2009 (3ª Reimpressão - 2017)

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Goethe, Johann Wolfgang von, 1749-1832
G217a Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister/
Johann Wolfgang von Goethe; tradução de Nicolino
Simone Neto; apresentação de Marcus Vinicius Mazzari;
posfácio de Georg Lukács. — São Paulo: Editora 34, 2009
(2ª Edição).
608 p.

ISBN 978-85-7326-360-2

Tradução de: Wilhelm Meister Lehrjahre

1. Literatura alemã - Séculos XVIII e XIX.
I. Simone Neto, Nicolino. II. Mazzari, Marcus Vinicius.
III. Lukács, Georg (1885-1971). IV. Título.

CDD - 981.03135

Sumário

Apresentação, <i>Marcus Vinicius Mazzari</i>	7
Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister	
Livro I	27
Livro II	87
Livro III	151
Livro IV	205
Livro V	277
Livro VI, “Confissões de uma bela alma”	347
Livro VII	405
Livro VIII	475
Índice das cenas do livro	577
Posfácio, <i>Georg Lukács</i>	581
Sobre o autor	603
Sobre o tradutor	606

em seu adversário. Reuniu então todos os seus argumentos e apegou-se tanto mais em sua opinião quanto mais acreditava ter razões de apresentá-la ao sagaz Werner sob uma luz favorável e, pensando assim, deu à lume sua resposta, que iremos igualmente reproduzir.

CAPÍTULO 3

“Tua carta está tão bem escrita e tão sensata e prudentemente pensada que nada mais há para acrescentar. Deves, porém, perdoar-me se digo que é possível pensar, afirmar e fazer justamente o contrário, e ainda também ter razão. Tua maneira de ser e de pensar demonstram propensão para um patrimônio ilimitado e para uma espécie de prazer fácil e alegre de gozá-lo, e nem preciso dizer-te que não posso encontrar nisso algo que me atraia.

Em primeiro lugar, devo infelizmente confessar-te que meu diário foi composto pela necessidade, compilado de vários livros e com a ajuda de um amigo, com o intuito de agradar meu pai, e que, ainda que eu conheça as coisas que ele contém e muitas outras do gênero, não as compreendo em absoluto nem quero a elas me dedicar. De que me serve fabricar um bom ferro, se meu próprio interior está cheio de escórias? E de que me serve também colocar em ordem uma propriedade rural, se comigo mesmo me desavim?

Para dizer-te em uma palavra: instruir-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intenção, desde a infância. Ainda conservo essa disposição, com a diferença de que agora vislumbro com mais clareza os meios que me permitirão realizá-los. Tenho visto mais mundo que tu crês, e dele me tenho servido melhor que tu imaginas. Atente, portanto, àquilo que digo, ainda que não vá ao encontro de tuas opiniões.

Fosse eu um nobre e bem depressa estaria suprimida nossa desavença; mas, como nada mais sou do que um burguês, devo seguir um caminho próprio, e espero que venhas a me compreender. Ignoro o que se passa nos países estrangeiros, mas sei que na Alemanha só a um nobre é possível uma certa formação geral, e pessoal, se me permites dizer. Um burguês pode adquirir méritos e desenvolver seu es-

pírito a mais não poder, mas sua personalidade se perde, apresente-se ele como quiser. Enquanto para o nobre, que se relaciona com as mais distintas pessoas, é um dever conferir a si mesmo um porte distinto, e esse porte, já que a ele nunca estarão cerradas portas nem portões, transforma-se num porte espontâneo, pois deve pagar por sua aparência, por sua pessoa, seja na corte ou no exército, de modo que tem ele razão em atribuir uma importância a elas e demonstrar que atribui alguma a elas. Uma certa graça majestosa nas coisas corriqueiras, uma espécie de ligeira graciosidade nas coisas sérias e importantes assentam-lhe bem, pois assim deixa ver que onde quer que esteja conserva seu equilíbrio. É uma pessoa pública, e quanto mais requintados seus gestos, mais sonora sua voz e mais comedida e discreta toda sua maneira de ser, mais perfeito ele é. Contanto que se mantenha sempre o mesmo diante de grandes e pequenos, diante de amigos e parentes, então não haverá nada nele para se criticar, nem se poderá desejar-lhe qualquer outra coisa. Que seja frio, mas compreensivo; dissimulado, mas inteligente. Se souber dominar-se exteriormente em qualquer momento de sua vida, ninguém haverá de lhe fazer outras exigências, e tudo o mais que traz em si e a seu redor — capacidade, talento, riqueza —, tudo isso não parecerá senão um acréscimo.

Imagina, agora, um burguês qualquer que pensasse ter uma certa pretensão a essas prerrogativas; haveria de fracassar por completo e seria tanto mais infeliz quanto mais sua natureza lhe tivesse dado capacidade e inclinação para tal.

Se, na vida corrente, o nobre não conhece limites, se é possível fazer-se dele um rei ou uma figura real, pode portanto apresentar-se onde quer que seja com uma consciência tranquila diante dos seus iguais, pode seguir adiante, para onde quer que seja, ao passo que ao burguês nada se ajusta melhor que o puro e plácido sentimento do limite que lhe está traçado. Não lhe cabe perguntar: ‘Que és tu?’, e sim: ‘Que tens tu? Que juízo, que conhecimento, que aptidão, que fortuna?’. Enquanto o nobre tudo dá só com a apresentação de sua pessoa, o burguês nada dá nem pode dar com sua personalidade. Aquele pode e deve aparentar, este só deve ser e, se pretende aparentar, torna-se ridículo e de mau gosto. Aquele deve fazer e agir, este deve realizar e criar, desenvolver suas diversas faculdades para tornar-se útil, e já se

presume que não há em sua natureza nenhuma harmonia, nem poderia haver, porque ele, para se fazer útil de um determinado modo, deve descuidar de todo o resto.

Por tal diferença culpa-se não a arrogância dos nobres nem a transigência dos burgueses, mas sim a própria constituição da sociedade; se um dia alguma coisa irá modificar-se, e o que se modificará, importa-me bem pouco; em suma, tenho de pensar em mim mesmo tal como estão agora as coisas, e no modo como hei de salvar a mim mesmo e conseguir o que para mim é uma necessidade indispensável.

Pois bem, tenho justamente uma inclinação irresistível por essa formação harmônica de minha natureza, negada a mim por meu nascimento. Desde que parti, tenho ganhado muito graças aos exercícios físicos; tenho perdido muito de meu embaraço habitual e me apresento muito bem. Também tenho cultivado minha linguagem e minha voz e posso dizer, sem vaidade, que não me saio mal em sociedade. Mas não vou negar-te que a cada dia se torna mais irresistível meu impulso de me tornar uma pessoa pública, de agradar e atuar num círculo mais amplo. Some-se a isso minha inclinação pela poesia e por tudo quanto está relacionado com ela, e a necessidade de cultivar meu espírito e meu gosto, para que aos poucos, também no deleite dessas coisas sem as quais não posso passar, eu tome por bom e belo o que é verdadeiramente bom e belo. Já percebes que só no teatro posso encontrar tudo isso e que só nesse elemento posso mover-me e cultivar-me à vontade. Sobre os palcos, o homem culto aparece tão bem pessoalmente em seu brilho quanto nas classes superiores; espírito e corpo devem a cada esforço marchar a passos juntos, e ali posso ser e parecer tão bem quanto em qualquer outra parte. Se procuro, ademais, outras ocupações, há nelas diversos tormentos mecânicos e posso impor à minha paciência um exercício cotidiano.

Não queiras discutir comigo a esse respeito, pois, antes que me escrevas, já terei dado tal passo. Por conta dos preconceitos dominantes, trocarei meu nome, porque me sinto, ademais, embaraçado em me apresentar como Meister.² Adeus! Nossa fortuna está em tão boas

² Jogo de palavras entre *Meister*, “mestre” em alemão, e o sobrenome de Wilhelm. (N. do T.)

mãos que não tenho com que me preocupar; se me surgir a ocasião, pedir-te-ei o que precisar; não será muito, pois espero poder sustentar-me com minha arte.”

Nem bem a carta fora enviada quando Wilhelm, cumprindo sua palavra, declarou subitamente, para grande espanto de Serlo e dos demais, que iria consagrar-se ao teatro e aceitar um contrato sob modestas condições. Quanto a isso, logo chegaram a um acordo, pois Serlo já havia declarado anteriormente que Wilhelm e os demais haveriam de ficar muito satisfeitos. Toda a infortunada companhia, com a qual tanto nos temos ocupado, foi prontamente aceita, sem que ninguém, exceto talvez Laertes, se mostrasse contudo agradecido a Wilhelm. Havendo pedido sem confiança, recebiam sem agradecimento. A maior parte deles preferia atribuir sua colocação à influência de Philine e a ela dirigiram suas palavras de gratidão. Enquanto isso, os contratos redigidos foram firmados e, por uma inexplicável associação de ideias, ao assinar seu nome sob pseudônimo, produziu-se na imaginação de Wilhelm a imagem daquela clareira, onde, ferido, deitara-se no regaço de Philine. Montada em seu cavalo branco, a amável amazona saiu dentre os arbustos, aproximou-se dele e apeou. Seus desvelos humanitários obrigavam-na a ir e vir, até finalmente parar diante dele. Tombava dos ombros seu capote, começaram a resplandecer seu rosto e sua figura, e ela desapareceu. Foi assim que ele escreveu mecanicamente seu nome, sem saber o que fazia, e só depois de haver assinado, sentiu que tinha a seu lado Mignon, que lhe segurava o braço e havia tratado de afastar suavemente sua mão.

CAPÍTULO 4

Serlo teve de aceitar, não sem alguma restrição, uma das condições impostas por Wilhelm para ingressar no teatro. Ele exigia que *Hamlet* fosse representada por inteiro e sem cortes, e Serlo só consentia nesse estranho desejo na medida do possível. Ora, isso foi motivo para muitas discussões, pois ambos tinham opiniões completamente divergentes quanto ao que era possível ou não, e também quanto àquilo que podiam suprimir da peça sem mutilá-la.